

## MULHERES CAMILIANAS: ANÁLISE DAS PERSONAGENS TERESA DE ALBUQUERQUE E MARIANA, DO ROMANCE *AMOR DE PERDIÇÃO*

Eliude Barbosa da Cruz

(Graduanda em Letras – UFPA)

Orientador: Prof. Dr. Esequiel Gomes da SILVA

(Docente da FALE – *Campus* de Breves)

### Resumo

*Amor de Perdição*, romance de Camilo Castelo Branco, publicado na década de 1860, conta uma história de amor protagonizada pelos jovens fidalgos Simão Botelho e Teresa de Albuquerque, história que, por conta da rivalidade existente entre ambos os pais de família (Domingos Botelho e Tadeu de Albuquerque) passa a ser construída por meio de cartas ou de alguns poucos encontros furtivos, nem sempre bem sucedidos. Ao longo da narrativa, ganha destaque também a personagem Mariana, moça simples e de origem humilde, espécie de, “anjo da guarda”, do filho do corregedor, por quem nutre uma grande paixão não correspondida. Feitas estas observações, nosso objetivo é realizar uma análise do referido romance, com ênfase nas duas mencionadas figuras femininas, sobretudo no que se refere às suas ações, diante da possibilidade de ter um final feliz ao lado de Simão Botelho, e aos seus papéis sociais, já que uma era desprovida do vil metal e a outra pertencente a uma família abastada.

**Palavras-chave:** Literatura. Romantismo. Perfis femininos. Romance.

### 1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Romantismo português, segundo Massaud Moisés (1974), “assinala-se como uma época de grandes prosadores” representados nas formas de conto, novela e romance. Destas três formas narrativas, as duas últimas constituem o melhor de uma época em que a mentalidade portuguesa passava por “profundas transformações”. No estilo de época em apreço, foram cultivados o romance marítimo, o histórico, o campesino e o passional.

O crítico brasileiro recorre a dados biográficos para explicar a novela passional de Camilo Castelo Branco, “seu principal cultor, graças à sua vida, agitada por gestos de aventura a que não faltam os lances amorosos de acalorado passionalismo, e o talento próprio para os problemas do coração e do sentimento”. Na perspectiva apontada por Massaud Moisés, as personagens camilianas “entregam-se ao amor com desenfreada fúria e se dispõem a suportar todos os perigos para viver integralmente os ditames do coração, como a exclusiva razão da existência”. Em geral, “ou se realizam e se perdem pela falta doutros apoios morais ou espirituais, ou não alcançam realizar-se totalmente e deixam-se esmagar pelo organismo social, que os arrasta ao convento ou suicídio”, como ocorre em *Amor de perdição*, publicado em 1862. Para compor seu panorama passional, “ele joga sempre com os mesmos elementos: o amor, a honra, o dinheiro, a pequena burguesia, sobretudo a portuense”. Constitui-se, ainda conforme Massaud Moisés, em “um dos maiores

ficcionistas do século XIX, a par, ou acima de Eça de Queirós, uma espécie de Balzac português a escrever a ‘comedia humana’ de sua gente” (MOISÉS, 1974, p. 18-21).

Dito isto, nosso objetivo é realizar uma análise do referido romance, com ênfase nas personagens Teresa de Albuquerque e Mariana, sobretudo no que se refere às suas ações, diante da possibilidade de ter um final feliz ao lado de Simão Botelho, e aos seus papéis sociais, já que uma era pertencente a uma família abastada e a outra era desprovida do vil metal.

Em *História da Literatura Portuguesa* (2010), António José Saraiva e Oscar Lopes colocam as personagens femininas de Camilo Castelo Branco em duas categorias: “uma vítima angélica, ou uma aniquiladora mulher fatal”. No romance *Amor de perdição*, no entanto, as duas figuras acima referidas, em alguns momentos da narrativa, fogem desse estereótipo. Teresa de Albuquerque e Mariana podem até ter alguma coisa de “vítima angélica”, mas nada têm de “aniquiladora mulher fatal”.

## 2 – A RICA HERDEIRA E A POBRE CAMPONESA NA VIDA DE SIMÃO BOTELHO

O romance *Amor de perdição* conta a história de Simão Botelho e Teresa de Albuquerque, dois jovens fidalgos que se apaixonam, mas logo experimentam alguns dissabores, ao verem frustrado o desejo de levar o relacionamento adiante, já que seus respectivos pais, Domingos Botelho e Tadeu de Albuquerque, por serem inimigos, proibem o namoro. Entre os planos para um futuro de felicidade – ele se formaria, arranjaria um emprego e, conseqüentemente, a sustentaria – e as ameaças de clausura em um convento, os jovens mantinham uma espécie relacionamento através de suas janelas, dada a proximidade das casas de ambos, ou por meio de cartas, entregues por uma mendiga, ou por alguns poucos cúmplices do casal.

Outra forma encontrada pelo impassível Tadeu de Albuquerque para arrancar definitivamente a filha das garras do Botelho seria casando-a com o primo, Baltazar Coutinho. Como encontrasse resistência da jovem, decide mandá-la para o convento. No entanto, antes que a ida para a instituição religiosa se concretize, acontecem algumas tentativas, muitas vezes mal sucedidas, de encontro entre o jovem Botelho e a jovem Albuquerque. Em uma destas vezes, Simão sai de Coimbra, onde está estudando e, com receio de ser descoberto em Viseu, esconde-se na casa do ferrador João da Cruz, homem simples, que devia favores a Domingos Botelho. Neste outro ambiente narrativo, surge a filha do ferrador, Mariana, personagem que se constituirá como uma peça importante na vida dos jovens. Em breve período, no entanto, o deus Cupido entra em cena e

flecha o coração da camponesa: Mariana ama o protegido do seu pai. Ainda assim, mantém-se fiel, contribuindo, dentro de suas possibilidades para a felicidade do casal.

Após as trocas de várias cartas com juras de amor, confissão de sofrimento e planos, Simão arrisca-se numa tentativa de resgatar Teresa, que está prestes a ser transferida para outro convento, mas depara-se com o rival. No embate, fere-o mortalmente. Embora tenha a possibilidade de evadir-se e escapar da prisão, o jovem entrega-se à polícia, sendo condenado à força.

A pena de morte, no entanto, não é cumprida. Por influência de Domingos Botelho é comutada por dez anos de degredo na Índia. Na hora do embarque, com uma visão quase biônica, Simão consegue ver Teresa, que morre tuberculosa, no convento. Após nove dias a bordo, Simão vem a óbito. No momento em que seu corpo é lançado ao mar, Mariana também se lança.

## 2.1 – Teresa de Albuquerque: “mulher varonil” com “força de caráter”

Teresa é apresentada pelo narrador como uma “menina de quinze anos, rica herdeira, regularmente bonita e bem nascida” (CASTELO BRANCO, s/d, p. 38). Embora frágil, até mesmo por conta de sua condição de menina bem nascida e educada cercada de cuidados, em alguns momentos, quando Tadeu de Albuquerque tenta forçá-la a casar-se com o primo Baltazar Coutinho, a jovem mostra-se resistente e enfrenta-o. Mesmo quando se curva à vontade do pai, relativamente à ida para o convento, a personagem encara a situação como uma possibilidade, tendo o tempo como aliado, para encontrar meios de concretizar sua união com Simão.

No trecho a seguir, Tadeu de Albuquerque, com uma mansidão planejada, tenta coagir Teresa a aceitar casar-se com Baltazar Coutinho:

– Vais hoje dar a mão de esposa a teu primo Baltazar, minha filha. É preciso que te deixes cegamente levar pela mão de teu pai. Logo que deres este passo difícil, conhecerás que a tua felicidade é daquelas que precisam ser impostas pela violência. Mas repara, minha querida filha, que a violência dum pai é sempre amor (CASTELO BRANCO, s/d, p. 52).

Ao descobrir a paixão de Teresa pelo filho do inimigo, Tadeu de Albuquerque, “presunçoso conhecedor do coração das mulheres”, considerou que a brandura seria o expediente mais seguro para levar a filha ao “esquecimento daquele pueril amor a Simão” (CASTELO BRANCO, s/d, p. 44). Passado algum tempo, ele usa do mesmo expediente para alcançar o objetivo de casá-la com o primo, lembrando, inclusive, que não reprimiu a sua desobediência com maus tratos nem com os rigores de um convento. Em outras palavras, ele estava sendo generoso com a filha desobediente que o decepcionava desejando casar-se com o filho de uma família inimiga.

Teresa, no entanto, na condição de “mulher varonil”, dotada de “força de caráter”, como o narrador a caracterizou, por conta de um tenso diálogo entre ela e o Baltazar, questiona o discurso e as intenções do pai “– E será meu pai feliz com meu sacrifício?” –, e opõe-se à sua vontade:

Eu agora mesmo o abomino como nunca pensei que se pudesse abominar! Meu pai... – continuou ela, chorando, com as mãos erguidas – mate-me; mas não me force a casar com meu primo! É escusada a violência, porque eu não caso! (CASTELO BRANCO, s/d, 53).

Como a reação de Teresa não foi a esperada e desejada, ou seja, de resignação e obediência, Tadeu de Albuquerque deixa cair a máscara da mansidão e da brandura, amaldiçoa a filha, faz-lhe ameaças e tenta impor sua vontade:

– Hás de casar! – quero que cases! Quero... Quando não, amaldiçoada serás para sempre, Teresa! Morrerás num convento! Esta casa irá para teu primo! Nenhum infame há de aqui pôr um pé nas alcatifas de meus avós. Se és uma alma vil, não me pertences, não és minha filha, não podes herdar apelidos honrosos, que foram pela vez insultados pelo pai desse miserável que tu amas! Maldita sejas! Entra nesse quarto, e espera que daí te arranquem para outro, onde não verás um raio de sol (CASTELO BRANCO, s/d, p. 53).

Mesmo diante da aspereza das palavras do pai, Teresa não parece demonstrar nenhum tipo de abatimento: levanta-se, sem derramar lágrimas, e serenamente dirige-se para seu quarto. Depois desta conversa tensa, Tadeu considera a possibilidade de enclausurar a filha em um convento, mas é aconselhado do contrário pelo sobrinho Baltazar.

Diante disso, como a situação estava supostamente sob controle, por meio de cartas, o casal procurou uma forma de promover um encontro. Sem pensar nas consequências do ato, a fidalga marcou o encontro no quintal da própria casa:

Teresa não refletiu, respondendo a Simão que naquela noite se festejavam seus anos, e se reuniam em casa os parentes. Disse-lhe que às onze horas em ponto ela iria ao quintal e lhe abriria a porta (CASTELO BRANCO, s/d, p. 56).

O próprio Simão, que não sabia do baile, não esperava tanta ousadia. Seu desejo era o de ao menos falar-lhe da rua para a janela do seu quarto. Curiosamente, a festa, organizada com tanta pompa, constituía-se como um instrumento para distrair Teresa e, conseqüentemente, fazê-la esquecer do filho do corregedor.

A agitação em que se encontrava a jovem, na noite da festa, levou o primo, que até então a havia tratado com simulada indiferença, a pedir-lhe desculpas. Com a sinceridade que lhe caracterizava, ao menos em relação a Baltazar, Teresa responde que “não tinha reparado na frieza” e chama para junto de si uma menina, como forma de fugir da caceteação que viria pela frente (CASTELO BRANCO, s/d, p. 58).

No entanto, o sonho de ter um momento feliz junto do amado não foi realizado desta vez. Observando-a de longe e seguindo-a até o quintal, Baltazar Coutinho consegue frustrar os planos dos jovens e acaba por revelar ao tio os motivos pelos quais Teresa retirava-se tantas vezes da festa.

Depois de mais uma tentativa de encontro dos jovens, que resulta na morte de dois criados de Baltazar, Tadeu de Albuquerque, decide mandar a filha para um convento, no Porto. No momento da saída, mais um confronto, que revela a coragem e a determinação da jovem de 15 anos:

- Mas, meu pai, atenda-me um momento.
- Diga.
- Se sua ideia é obrigar-me a casar com meu primo...
- E daí?
- De certo não caso; morro, e morro contente, mas não caso.
- Nem ele a quer. A senhora não é digna de Baltazar Coutinho. Um homem do meu sangue não aceita para esposa uma mulher que fala de noite aos amantes nos quintais. Vista-se depressa, que vai para um convento.
- Prontamente, meu pai. Esse destino lho pedi eu várias vezes (CASTELO BRANCO, s/d, 82).

Ao menos na frente do pai, Teresa não demonstra nenhum tipo de abatimento. As lágrimas veem somente quando a personagem se encontra sozinha. Coragem e determinação, mesmo na sua condição de submissa, ela demonstra também no momento em que as primas tentam convencê-la a aceitar casar-se com Baltazar, dando, desta forma, gosto ao pai. O discurso não deixa de ser coercitivo, já que as moças jogam nas costas de Teresa a responsabilidade pela suposta desordem em que se encontrava a casa. Ela também seria a responsável por uma suposta desgraça que se abatia sobre a família inteira. Mesmo diante da pressão, Teresa responde firmemente:

- Estás a brincar, prima! – redarguiu Teresa. – Eu hei de ser tua cunhada quando não tiver coração. Teu mano tem a certeza de que eu amo outro homem. Queria viver para ele; mas, se quiserem que eu morra por ele, abençoarei todos os meus algozes. Podes dizer isto ao primo Baltazar, e dize-lho antes que te esqueça (CASTELO BRANCO, s/d, 83-84).

Entrou no convento sem derramar uma lágrima e ao despedir-se das primas apresentava um semblante de regozijo. Longe das pressões da família, das imposições do pai e das investidas de Baltazar Coutinho, Teresa sentia a “liberdade do coração”. Poderia pensar no seu amado e até urdir planos. Astuciosamente, como adivinhasse que Tadeu iria, como de fato o fez, dar ordens à freira para que a jovem não escrevesse a ninguém, levou consigo, comprimido contra o seio, um embrulho que continha tinteiro, papel e as cartas que recebera de Simão. Tão logo trava diálogo com a madre prioresca, mostra sua determinação: “– Professe! – exclamou Teresa. – Eu não quero ser freira aqui, nem noutra parte. [...] – Freira?! A isso não pode ninguém obrigar-me! – recalcitou Teresa (CASTELO BRANCO, s/d, 85). Logo que se achou em liberdade, pegou o papel e o tinteiro e escreveu ao amado.

Decidido, a qualquer custo, a impedir que Teresa se casasse com o filho do inimigo, ao descobrir que ambos mantêm contato por meio de cartas, decide levá-la para Monchique. No encontro com Tadeu, mais uma vez mostra coragem e determinação, mesmo sem levantar os olhos do chão para encarar o pai:

- Ainda é tempo – tornou Albuquerque.
- Tempo de quê?
- Tempo de seres boa filha.
- Não me acusa a consciência de o não ser.
- Ainda mais?!... Queres ir para tua casa e esquecer o maldito que nos faz a todos desgraçados?
- Não, meu pai. O meu destino é o convento. Esquecê-lo nem por morte. Serei filha desobediente, mas mentirosa é que nunca (CASTELO BRANCO, s/d, p. 124).

No mesmo contexto, diz algumas verdades ao primo, de certa forma, o corresponsável pela sua desventura: “– Consigo falo! Nem aqui me deixa a sua odiosa presença?” (CASTELO BRANCO, s/d, 124). Logo em seguida, deu-se o confronto entre Simão e Baltazar, sendo este ferido mortalmente. Embora tenha oportunidade de se evadir, o jovem prefere entregar-se à polícia e pagar pelo crime que cometeu.

Com o desenrolar dos acontecimentos, a conseqüente prisão e condenação de Simão, Teresa começa a fenecer. Ainda mais uma vez, mesmo em evidente estado de definhamento, encontra forças para reagir a uma ordem do pai, que deseja levá-la de volta para Viseu:

- Não vou, meu pai.
- Não vais?! Exclamou, irritado, o velho, lançando às grades as mãos tremendo de ira. [...]
- E as leis? Cuidas tu que eu não tenho direitos legítimos para te obrigar a sair do convento? Não sabes que tens apenas dezoito anos?
- Sei que tenho dezoito anos; as leis não sei quais são, nem me incomoda a minha ignorância. Se pode ser que mão violenta venha arrancar-me daqui, convença-se, meu pai, de que essa mão há de encontrar um cadáver. Depois... o que quiserem de mim. Enquanto, porém, eu puder dizer que não vou, juro-lhe que não vou, meu pai. (CASTELO BRANCO, s/d, p. 158).

Enfurecido com a atitude da filha, tenta obrigar a abadessa a entregá-la, mas não obtém sucesso. Diante disso, parte para a ameaça. Vai ao intendente de polícia, mas sem êxito. Igualmente acontece quando vai ao corregedor do Porto. Por último, fala com um desembargador, que lhe dá uma lição de moral, exaltando sempre as qualidades de Simão Botelho. Por fim, acusa-o de ser um mau pai.

## 2.2 – Mariana: “bem mais bonita que a fidalga”

Mariana é uma “moça de vinte e quatro anos, formas bonitas, um rosto belo e triste” (CASTELO BRANCO, s/d, p. 61). Pode-se dizer que é uma mulher “madura”, se considerarmos os nove anos a mais que a filha de Tadeu de Albuquerque. Além disso, procede de família humilde – é

filha do ferrador João da Cruz – tendo sido criada no campo. Silenciosamente, alimenta um amor por Simão. É abnegada e fiel, e comporta-se como uma espécie de irmã para o jovem fidalgo, ao qual se dedica completamente. Reprime o próprio sentimento, anulando-se em função do amor de Simão por Teresa.

Quando decide ir a Viseu tentar um encontro com Teresa, com receio de ser descoberto, Simão Botelho procura uma casa de gente de confiança para se alojar. Por indicação do arrieiro, hospeda-se na residência do ferrador João da Cruz, que se torna um fiel escudeiro e protetor. Logo nos primeiros contatos do filho do corregedor com Mariana, João da Cruz esclarece o papel e o lugar da filha naquela situação:

E vossa senhoria não tenha aquelas de cerimônia, nem me diga à Mariana – a menina isto, a menina aquilo. É – rapariga, dá cá um caldo; rapariga, lava-me o braço, dá cá as compressas – e nada de políticas. Ela está aqui como sua criada, porque eu já lhe disse que, se não fosse o pai de vossa senhoria, já ela há muito tempo que andava por aí às esmolas, ou pior ainda (CASTELO BRANCO, s/d, p. 93).

Deste modo, João da Cruz está dividindo com a filha sua dívida de gratidão. Ao fim do diálogo, ainda recomenda: “trata como quem é e como se fosse teu irmão ou marido”. Claro está que tratar o hóspede como marido, segundo a recomendação do pai, significava apenas obedecer às suas ordens. No entanto, ao ouvir a última palavra, saindo, “natural como todas, da boca do pai”, o “rosto de Mariana arejou-se” (CASTELO BRANCO, s/d, p. 96). Apesar do desejo, a verdade é que ao longo da convivência com o fidalgo, este papel não sofrerá alteração alguma.

Em pouco tempo, Mariana, motivada pela bondade que trazia em si e pelo amor que sentia por Simão Botelho, começa a mostrar o que seria capaz de fazer para ajudá-lo, como fica evidente quando João Cruz desconfia de que o seu protegido está sem dinheiro e confia à filha:

- Por quê? O pai como sabe disso?
- É que ele pediu-me a carteira para tirar dinheiro, e ela pesava tanto como uma bexiga de porco cheia de vento. Isto bole-me cá por dentro! Queria oferecer-lhe dinheiro e não sei como há de ser...
- Eu pensarei nisso, meu pai – disse Mariana, refletindo.
- Pois sim; cogita lá tu, que tem melhores ideias do que eu.
- E, se o pai não quiser bulir nos seus quatrocentos, eu tenho aquele dinheiro dos meus bezerros: São onze moedas de ouro menos um quarto (CASTELO BRANCO, s/d, p. 98).

Por ser de origem humilde, a personagem via-se obrigada a planejar o futuro, trabalhando, economizando e guardando dinheiro. Diante da falta de recursos do amado, incitada pela preocupação do pai, não hesita em ajudá-lo, cedendo o que tinha poupado. Pode-se dizer que a condição de Mariana era mais favorável do que a de Teresa, se considerarmos que, ao menos, tinha a possibilidade, de um modo ou de outro, de amenizar os sofrimentos de Simão.

Os desvelos da jovem aldeã com Simão Botelho não pararam aí. Na ocasião em que ele e Teresa ficaram privados de se comunicar, pelo fato de a mendiga que servia de mensageiro ter sido espancada, diante do desespero do fidalgo, Mariana dá mais uma prova de coragem e bondade e oferece-se para ir ao convento entregar uma carta a Teresa, usando para isso, sua rede de relações:

- Se o senhor Simão quer, eu vou à cidade e procuro no convento a Brito, que é uma rapariga minha conhecida, moça duma feira, e dou-lhe uma carta sua para entregar à fidalga.
- Isto é possível, Mariana? – exclamou Simão, a ponto de abraçar a moça.
- Pois então! – disse o ferrador – o que pode fazer-se, faz-se. Vai-te vestir, rapariga, que eu vou botar o albardão à égua (CASTELO BRANCO, s/d, p. 110).

A atitude de Mariana foi tomada não sem sofrimento, pois quando voltou, para pegar a carta e seguir viagem, derramava lágrimas. Naquele momento, cumpria apenas o lugar que o pai lhe havia destinado: o de serva de Simão. Como serva fiel, estava resolvida a empregar os meios que estivessem ao seu alcance para entregar a carta a Teresa. Ao adentrar o recinto e encontrar Joaquina, chega a oferecer-lhe um corte de chita para um vestido, mas a moça, honestamente, dispensa o presente e faz o que Mariana pede. O encontro com a “rival”, deixou-lhe uma impressão: “Não lhe bastava ser fidalga e rica; é, além de tudo, linda como nunca vi outra!” (CASTELO BRANCO, s/d, p. 116). Marina não tinha consciência da própria beleza. Ao visitar Simão Botelho na cadeia, o carcereiro dizia consigo: “– Esta é bem mais bonita que a fidalga!” (CASTELO BRANCO, s/d, p. 136).

Após se recuperar do choque sofrido com a revelação da pena aplicada a Simão, Mariana volta a ocupar sua função de serva, limpando a cela do preso e fazendo-lhe companhia:

- [...] Mariana, benquista do carcereiro e protegida pela amiga de D. Rita Preciosa, tinha franca entrada no cárcere a toda hora do dia, e raras horas deixava sozinho o preso. Costurava, enquanto ele escrevia, ou cuidava do amanhã e limpeza do quarto. Se Simão estava no leito doente ou prostrado, Mariana, que tivera alguns princípios de escrita, sentava-se à banca e escrevia cem vezes o nome de *Simão*, que muitas vezes as lágrimas deliam. E isto assim, durante sete meses, sem nunca ouvir nem proferir a palavra amor (CASTELO BRANCO, s/d, p. 145, *grifo do autor*).

Aos poucos, a personagem passa a viver quase que exclusivamente para Simão, sofrendo calada, e sem possibilidades de ter seu amor correspondido, advertida, diga-se a verdade, pelo próprio Simão:

- Sabe que estou ligado pela vida e pela morte àquela desgraçada senhora?
- E daí? Quem lhe diz menos disso?!
- Os sentimentos do coração só os posso agradecer com a amizade.
- E eu já lhe pedi mais alguma coisa, senhor Simão?!
- Nada me pediu Mariana; Mas obriga-me tanto, que me faz mais infeliz o peso da obrigação (CASTELO BRANCO, s/d. p. 188).



Se a morte de João da Cruz, por um lado significou um grande choque para Mariana, dado que perdia seu único parente e protetor, por outro, deu-lhe liberdade para seguir sua própria vida. Tanto assim que decide vender a herança e acompanhar o amado no degredo:

- Porque vendeu as suas terras, Mariana? – Perguntou o preso.
- Vendi-as, porque não faço tenção de lá voltar.
- Não faz? ... Para onde há de ir, Mariana, indo eu degredado! Fica no Porto?
- Não, senhor, não fico – balbuciou ela admirada desta pergunta, à qual o seu coração julgava ter respondido de muito.
- Pois não?!
- Vou para o degredo, se vossa senhoria me quiser na sua companhia. (CASTELO BRANCO, s/d, p. 186).

Com a comutação da pena, a situação tornava-se favorável para Mariana, considerando que distante de Teresa, teria possibilidades de ter sua dedicação reconhecida: “Não inventemos maravilhas de abnegação. Era de mulher o coração de Mariana [...] Amava, e tinha ciúmes de Teresa [...]. Sonhava com as delícias do desterro, porque nenhuma iria lá gemer à cabeceira do desgraçado (CASTELO BRANCO, s/d, p. 190). O destino, no entanto, preparava uma armadilha para Mariana. A caminho da Índia, Simão Botelho morre. Sem rumo, Mariana atira-se no mar, no momento em que o corpo do amado é lançado.

### 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações esboçadas sobre as personagens Teresa Albuquerque e Mariana nos fazem perceber que elas ilustram perfis e atitudes distintas, porém intensas e fortes, diante da história de amor com Simão. A filha de Tadeu Albuquerque, mesmo sendo muito jovem, vai de encontro às vontades do pai, o que era incomum para o contexto em que se ambienta o romance. Mariana, possivelmente pelo fato de pertencer a uma classe social inferior, ser mais velha do que Simão e assumir parte da dívida de gratidão do pai, tenha preferido permanecer em silêncio.

### 4 – REFERÊNCIAS

CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de Perdição*. 22 ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de Perdição*. Universidade da Amazônia (UNAMA). Belém-Pa.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de Perdição*. Estudo Introdutivo de Antônio Houaiss. Edições de Ouro.

CRUZ, Eliude Barbosa da. Mulheres camilianas: análise das personagens Teresa de Albuquerque e Mariana, do romance *Amor de perdição*. *ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB*, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

LEDO, Teresinha de Oliveira. Manual de literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira / Teresinha de Oliveira Ledo, Patrícia Martins. -- São Paulo: DCL, 2001.

JEFFREY, Robert. Camilo Castelo Branco e o verdadeiro Amor de perdição. Disponível em: <http://www.lamarcahispanica.byu.edu/.../Camilo-Castelo-Branco-e-o-verdadeiro-Am>. Acesso em 27 de março de 2016.

MOISES, Massaud. A Literatura Portuguesa. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUSA, Moizeis Sobreira de. Camilo Castelo Branco e a Formação do Romance Português. Anais do Seta, Número 4, 2010.

PAVANELO, Luciene Marie. O que fazem as mulheres: As personagens femininas, de Camilo Castelo Branco. In. Antares: Letras e Humanidades. vol.3.nº6,jul/dez.2011,p.144-160.

PAVANELO, Luciene Marie. O olhar distanciado de Camilo e a quebra da catarse. Remate de Males – 28(2) – jul./dez. 2008.

RODRIGUES, Valeria Leoni. A Importância da Mulher. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>. Acesso em 04 de janeiro de 2016.

SARAIVA, José antônio; LOPES, Óscar. História da Literatura Portuguesa. ed. Porto. 2010.

SANTOS, Indiaíra Rios dos. Mariana, a mais romântica personagem em Amor de Perdição de Camilo Castelo Branco. Disponível em: [www.webartigos.com/.../mariana-a-mais-romantica-personagem-em-amor](http://www.webartigos.com/.../mariana-a-mais-romantica-personagem-em-amor). Acesso em: 01 de abril de 2015.

CRUZ, Eliude Barbosa da. Mulheres camilianas: análise das personagens Teresa de Albuquerque e Mariana, do romance *Amor de perdição*. ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131